

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS “FIGURAÇÕES” DE PEDRO LYRA: ENTRE O EMPODERAMENTO E O RETROCESSO

Jéssica Thais Loiola Soares

Introdução

Pedro Lyra foi um poeta cearense integrante da Geração SIN de Literatura, a qual, na década de 60, imprimiu nova perspectiva às letras do Ceará, contando também com poetas como Roberto Pontes e Horácio Dídimo. A obra poética de Pedro Lyra é dividida entre as temáticas política, amorosa e existencial. Neste artigo, analisaremos a vertente amorosa de sua poesia, contemplada no livro **Desafio: uma poética do amor**. Entretanto, com base em alguns poemas dessa obra, pretendemos demonstrar que o ato erótico feminino é representado por Pedro Lyra como um ato político de empoderamento, apesar de manter certas expressões que denotam um insistente olhar machista sobre a mulher.

O livro **Desafio: uma poética do amor** é dividido em sete partes, a saber: “Constatação”, “Confissão”, “Clivagem”, “Lavragem”, “Figurações”, “Cumprimento” e “Confirmação”, em que cada uma aborda um aspecto diverso do relacionamento amoroso. Neste trabalho, pautar-nos-emos na quinta parte, intitulada “Figurações”, em que o eu lírico “questiona a situação da mulher e o estágio problemático das relações amorosas depois da revolução sexual”, conforme expresso na orelha do livro. Nosso objetivo é comprovar que o eu lírico das “Figurações” defende a liberação feminina, mas ainda apresenta indícios de um modo de pensar ainda envolto pelo machismo predominante na sociedade brasileira. Assim, pretendemos demonstrar, por meio da análise dos poemas das “Figurações”, que a ideologia do livro se mantém entre o empoderamento feminino e o modo de pensar retrógrado do machismo.

Erotismo e emancipação sexual feminina

O erotismo é inerente ao ser humano. É o que o diferencia dos animais no que se refere ao ato sexual, porque “é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens.” (PAZ, 1994, p. 16) Nesse contexto, se nos detivermos na Idade Média, verificamos que a Igreja Católica desse período ditava as normas que os cristãos deveriam seguir em todos os aspectos de suas vidas, o que incluía a rotina sexual dos fiéis. A virgindade era exaltada e a mulher casada não podia sentir prazer, de maneira que a única finalidade do ato sexual era a procriação. O sexo tinha que ser um sacrifício. O corpo feminino era envolto em mistério, execrado, temido e, ao mesmo tempo, desejado. Para contrabalançar essa realidade, uma vez que todo extremismo precisa de uma válvula de escape, a Idade Média foi também o período de institucionalização da prostituição e dos prostíbulos, pois essa era a única forma de manter a castidade das virgens e das mulheres casadas. Também a literatura da época transgrediu as normas do clero medieval, como podemos constatar nas **Correspondências** de Abelardo e Heloísa, nas **Cartas** de Sórora Mariana Alcoforado, nas trovas e cantigas populares e nos *fabliaux*. Desde tempos remotos, então, percebemos a proibição do prazer carnal, sobretudo o feminino. Esse imaginário difundido pela Igreja medieval em torno do sexo, do corpo, da mulher e do erotismo perpetuou-se residualmente ao longo dos séculos e dos lugares, sendo o prazer feminino por muito tempo encarado como algo proibido.

No Brasil, até o início do século XX não se sabia de mulheres que, na literatura, revelassem o desejo erótico feminino e defendessem seu direito de senti-lo e concretizá-lo. Ao contrário, o prazer feminino era geralmente retratado sob a ótica masculina, colocando a mulher como fonte inesgotável de usufruto do homem ou como uma idealizada virgem inacessível, mas dificilmente de uma forma real, atribuindo também prazer à figura feminina. A visão do homem acerca do prazer feminino, então, durante a história da literatura, não foi igualitária, não foi uma equiparação do desejo e do papel de ambos, mas sim posicionando a figura feminina acima ou abaixo de si – como objeto de prazer ou num altar como musa idolatrada ou como objeto para o prazer masculino.

Todavia, nos poemas que compõem as “Figurações” do livro **Desafio**, de Pedro Lyra, observamos uma tentativa de equiparação do prazer sexual e das atitudes de ambos os sexos quanto ao erotismo, numa incipiente luta pelo empoderamento feminino, embora haja ainda, nos mesmos poemas, resquícios do modo de pensar da cultura machista ainda tão em voga à época de escrita do livro – e, infelizmente, ainda atualmente.

Assim, nossa pesquisa traz uma discussão de gênero deveras importante, pois aborda a questão da libertação feminina, tão em pauta nos últimos anos. Na sociedade ainda misógina em que vivemos, não podemos deixar de falar da abordagem inovadora que o poeta Pedro Lyra adota nos poemas mencionados, abrindo espaço para uma luta pela emancipação feminina. Conforme Angélica Soares, no livro **A paixão emancipatória: vozes femininas da libertação do erotismo na poesia brasileira**:

No exercício erótico de sobreposição da transgressão à proibição, a mulher vem investindo fortemente, na busca de constituição de sua identidade. [...] Assim, a ruptura com o modelo dominante (da superioridade do masculino), ao se dar no espaço da experiência erótica (no direito ao prazer e não na obrigação de procriar), dá-se também no espaço social (na ação da mulher, enquanto construtora da sociedade). (SOARES, 1999, p. 102)

Os estudos literários não podem ficar fora dessa discussão, uma vez que a literatura tem uma relação direta com a sociedade em que se insere, afinal, conforme Antonio Candido, a literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 243).

Nos poemas de Pedro Lyra veremos, nesse ínterim, a mulher como personagem ativa no ato sexual, e não como objeto para usufruto masculino. Mesmo sendo uma obra escrita por um homem, existe a luta pela emancipação sexual feminina, o que constitui um ato político e libertário.

As “Figurações”

O primeiro poema da seção que estamos abordando, “Soneto de constatação – IV”, faz uma apresentação do tema a ser tratado nessa parte do

livro, revelando a angústia da realização erótica impossível, da forma como foi preconizada por Georges Bataille (2014), segundo o qual o ato erótico une dois seres incompletos e descontínuos, que, na união sexual, simulam uma continuidade e completude que são perdidas ao final do ato, trazendo de volta aos amantes o sentimento de angústia próprio da imperfeição humana. Consoante Bataille (2014, p. 39), “Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida.” Além disso, Bataille defende que o ato erótico funciona como uma transgressão seguida de angústia:

os interditos não são impostos de fora. Isso nos aparece na angústia, no momento em que *transgredimos* o interdito, sobretudo no momento suspenso em que ele ainda atua, e em que, não obstante, cedemos à impulsão a que ele se opunha. Se observamos o interdito, se lhe somos submissos, deixamos de ter consciência dele. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. (BATAILLE, 2014, p. 62 *grifo do autor*)

O sexo é visto, então, por Bataille (2014), como um ato transgressor, que desobedece aos interditos sociais, isto é, às proibições culturalmente impostas, sobretudo à mulher, conforme expusemos no tópico anterior. Esse ato é causador de nostalgia e angústia, em virtude de uma completude – continuidade – impossível de ser mantida além do momento apoteótico e efêmero do sexo. É o que observamos no primeiro poema das “Figurações”, quando o poeta diz:

Ela carrega o excesso até no sono./Ele busca livrar-se em todo gesto./E então/quando se cruzam/pressionados/ele a tenta deter/– mais a sufoca,/ela o tenta suprir/mais o naufraga/e nunca foi como ambos desejaram./ Por causa desses duplos exageros/é que o amor nos oscila entre os extremos:/’tá no barro ou na nuvem/– não num lar,/num Éden ou num Hades/– não na Terra.

No poema acima, observamos que os dois amantes tentam possuir um ao outro, porém não conseguem jamais atingir plenamente seus anseios, e, por estes, sentem-se sufocados e “naufragados” em sua expectativa

frustrada. Por isso, o amor está sempre oscilando, nunca num ponto fixo, completo e certo. Pelo mesmo motivo, o amor oscila entre o paraíso e o inferno, não encontrando de forma alguma um ponto de equilíbrio. Essa descrição denota uma angústia própria do ato erótico, conforme preconizada por Georges Bataille (2014).

Nos demais poemas das “Figurações”, verificamos que a mulher é representada de três formas quanto ao erotismo, a saber: como objeto sexual; como detentora do poder; e como personagem em luta pela igualdade de gêneros. Dessa forma, deparamo-nos com um eu lírico que defende a liberação feminina, mas que ainda apresenta resquícios da cultura machista dominante. Analisaremos agora alguns poemas que exemplificam cada uma das três figurações da mulher mencionadas.

Inicialmente, leiamos o poema “Soneto da fêmea – I”, que revela uma mulher pronta para o usufruto do prazer masculino:

Massa de carne/pronta/pro banquete/da farsa antropofágica,/da guerra/que chamamos de amor./Solta/passível/ela dança na nuvem/provocando/o gesto decisivo do carrasco/que forja e teme/que deseja e tolhe/mas tem que permitir:/contrita,/esponja/em forma humana,/ela ressuma/e ainda/se perfuma/se adorna/se camufla/(isto é: se tempera)/e/preparada/se deixa devorar/feita uma fruta./Arena ensanguentada/após o jogo/ela queda/– invadida e ressentida,/ e ele prossegue/– isento e triunfante. (LYRA, 2002, p. 208)

O poema transcrito fala de uma mulher metaforicamente posta na mesa para o banquete do homem. Em certo momento, ela reconhece seu poder e o usa para provocar o desejo masculino. No entanto, logo ela se resigna, se entrega à submissão sexual, “se deixa devorar”, se permite ser “invadida” a ponto de ficar “ensanguentada”, perdendo o “jogo” para aquele que sai triunfante. Notamos, assim, uma tentativa incipiente e frustrada de ascensão feminina.

No poema que se segue, “Soneto da fêmea – IV”, veremos mais um exemplo da figuração da mulher como objeto sexual na seção que estamos abordando do livro **Desafio**, de Pedro Lyra. Leiamos:

Quando tenta fugir ao sofrimento/de ter que dar/ sem ter/ou sem querer/e/ao invés de esperar/assume a busca/aí ela mais sofre/e sem consolo/pois está dando a chance da cobrança./Aberta pra acolher/com todo enlevo/e descartada após/sem nem um elo/ela só se confirma nesse lapso./Se é isso a sua função e o seu destino/o que se pode opor a esses estigmas?/Modular a função/- não é humana./Descartar o destino/- não é justo./ E reinventar os dois/em nova forma/para se confirmar/na mesma esfera. (LYRA, 2002, p. 211)

Observamos no “Soneto da fêmea – IV” que o destino da mulher reside no “sofrimento/de ter que dar/sem ter”, o que denota um ente que existe em função do prazer de outro, sem ter a possibilidade de escolha e decisão, pois sua “função” seria unicamente servir ao homem. Mesmo quando ela tenta fugir de sua sina, o sofrimento a persegue.

Por conseguinte, encontramos também nas “Figurações” a representação da mulher como detentora do poder de sedução e consequente dominação sobre o homem. Tal supremacia feminina pode ser observada no “Soneto da fêmea – VII”, que aborda o erotismo como um jogo amoroso em que é a mulher quem dita as regras:

Cuidado/meu amigo/mais cuidado./Não exponhas teu ser às suas flechas:/a mulher/ fonte e abismo/barro e nuvem/é uma serva/- quando desejante;/uma tirana/- quando desejada./ Ora pausa/ora flana/indecidida./ Quer se doar:/ por tática/ se nega;/quer se negar:/por ímpeto/se doa./E se abandona /sem nenhum recato;/e te abandona/sem nenhuma remorso./Não quer ser objeto/mas se enfeita;/luta por ser sujeito/mas se entrega./ Nem anjo é mais suave/quando ama;/nem fera é mais cruel/depois de amar. (LYRA, 2002, p. 214)

Nesse poema, deparamo-nos com uma mulher que pode ser serva ou tirana, dependendo de seus desejos. O “Soneto da fêmea – VII” figura claramente uma mulher indecisa entre as duas extremidades: de um lado, a entrega subserviente ao ser amado, qual serva e objeto; de outro, a luta pelo domínio de si mesma, qual tirana e sujeito. Esse poema demonstra a dubiedade segundo a qual a personagem feminina é representada nas “Figurações” do **Desafio** de Pedro Lyra.

O poderio da mulher também pode ser notado no “Soneto da fêmea – VIII”, em que ela, agora decidida, rompe com o amante e passa a rejeitá-lo fortemente, intensificando sua repulsa à medida que a insistência dele aumenta, conforme lemos a seguir:

Não insistas./Após a ruptura/o amante é odiento:/à proporção/em que ontem te cercava/sem resguardo/agora te rejeita/sem remorso./O convívio/que evocas nessa angústia/é fonte,/mas pra ti;/pra ela,/estorvo:/o empenho que ela punha/em preservar-te/ora põe em banir-te/alheia ao fosso/em que te precipita/– e te despreza/com o mesmo afinco com que te afagava./E nada mais ferino que a repulsa/vertida de um afeto./Não insistas:/pois/quanto mais te ofertas/mais recusa/e/quanto mais recusa/mais detesta. (LYRA, 2002, p. 215)

Nesse ponto das “Figurações”, a mulher adquire sua autonomia e é representada como um ser empoderado, posto que dona de si mesma. A partir desse momento do livro, observamos uma mulher que sabe de sua força, de seus poderes de sedução e conseqüente dominação, e “está certa por usá-lo” (LYRA, 2002, p. 217). Qual “doce isca” e “doce corrente”, seduz o amante com seus encantos para prendê-lo e ganhar o jogo, como uma sereia ou feiticeira fatal (LYRA, 2002, p. 217).

Já vimos até aqui que, nas “Figurações”, a mulher é representada, primeiramente, como objeto sexual e, em seguida, como detentora do poder. Ademais, nos poemas em questão a mulher é figurada como personagem em luta pelo empoderamento feminino. Por exemplo, temos no “Soneto da fêmea – XI” a reviravolta da mulher, pois nele está o “auge da volúpia” e da conseqüente emancipação sexual feminina (LYRA, 2002, p. 218):

Vai,/solta./É tua primeira provação/e em tudo explode uma primeira vez./É o auge da volúpia/em descoberta/contra o marasmo/do repetitivo./E após/mais uma./Agora já sem drama:/depois de ultrapassada essa barreira/não há outra barreira a ultrapassar./(Não se deve abafar o que na mente/arde como desejo/e que a vontade/transforma em fato/pela decisão.)/Então vai/então solta/queima as horas/e/– solta –/vai com aqueles/vai

com todos/eletriza teu sonho em mil orgasmos,/com todos vai./Mas renuncia ao uno. (LYRA, 2002, p. 218)

Nos versos ora transcritos a mulher ultrapassa todas as barreiras que lhe restavam e para de abafar os desejos que ardem dentro de si, soltando-se e libertando-se finalmente das amarras sociais.

No entanto, os poemas “Soneto da fêmea – XIV” e “Soneto da fêmea – XV” retratam a igualdade sexual adquirida pela mulher de um ponto de vista levemente negativo, pois são mostrados os supostos ônus de tal conquista:

Na luta por mover-se como o homem/esta mulher largou/num mar de anseios/o conteúdo ético do amor./O homem nunca o teve./E, no projeto,/por igualar-se a ele/ela assumiu/não o que tinha ele ainda de bom/mas de pior./[...] /Agora são iguais/- e, tontos, provam/não aquilo que o amor tem de prazeres/mas sim o que o prazer não tem de amor./E afogados num mar de sensações/buscam o que largaram:/seu valor. (LYRA, 2002, p. 221)

E assim se consumou esse processo:/ela largou o lar/largou os filhos/largou o companheiro/e deu-se ao mundo/em troca de um recanto/no mercado/mas só achou lugar/no purgatório./[...] /E no lugar do afeto/compromissos;/no lugar do convívio/o esgotamento;/no lugar dos parentes/os colegas;/no lugar de um amor/alguns parceiros;/e no lugar da casa/o *shopping center*./E um roído salário ao fim da entrega/com que alimenta a própria imolação. (LYRA, 2002, p. 222)

Nos excertos transcritos, percebemos claramente o tom negativo com que é descrita a liberação feminina, sobretudo na palavra final do segundo poema, “imolação”, associando as mudanças de atitudes das mulheres a um grande sacrifício ocasionador de dor e sofrimento. O mesmo tom negativo pode ser observado no “Soneto da fêmea – XVI”, em que o eu lírico afirma que não adianta tentar entender a mulher, porque ninguém nunca conseguirá atingir tal compreensão, uma vez que “Nem ela mesma

sabe o que é ou quer:/esfinge em espiral/- do gelo à chama -/[...]/Indignada/quando te insinuas/mas indigna/quando te retrais/[...]/(Mas se não fosse assim não era Fêmea.)” (LYRA, 2002, p. 223). O último verso resume o posicionamento machista do poema, visto que caracteriza a mulher como um ser naturalmente indeciso, como uma fêmea sem propósito.

Contudo, no “Soneto de confrontação – X”, o poeta volta a se compadecer da situação a que a mulher é submetida pela cultura machista ainda presente na sociedade brasileira. Podemos constatar tal compaixão nos versos seguintes: “– Amiga,/quando penso nessas marcas/que são tuas/só tuas/tão doídas/e sinto que flutuas sobre brasas/não sei/dói-me que és a Indecidida/[...]/Te elevas a um Olimpo/desejada/e te afundas num poço/possuída.” (LYRA, 2002, p. 224) Já a partir da primeira expressão do poema – “Amiga” – notamos o sentimento de piedade pelo sofrimento tão profundo que causou marcas, como alguém que ‘flutua sobre brasas’.

Apesar dos resquícios da cultura machista ainda preponderante na sociedade brasileira, elementos esses presentes nas “Figurações”, a compaixão para com a condição da mulher se acentua nos poemas “Soneto da fêmea – XIII”, “Soneto de confissão – XVI” e “Soneto de constatação – V”, que defendem a libertação feminina e sua consequente emancipação sexual, segundo podemos verificar nos versos a seguir:

Essa libertação ‘tá incompleta:/de que foi que a mulher se libertou?/O homem foi livre sempre/para tantas/comprometido/ou não/com uma ideal./Compromisso;/eis a trava dessa trilha./Só quando ela também puder pisá-lo/isenta como ele/é que ela pode/mover-se livre/tal se o não houvesse./Poder, pode:/de fato/também ela/o violou/em noites delirantes./Mas a transgressão dela tinha um preço/que ele nunca pagou/– e ela pagava./Ela só poderá dobrar as horas/quando ele o tolerar./Ou seja: nunca. (LYRA, 2002, p. 220)

Mulher/proclamo agora/sem desvios:/um dia hás de livrar-te dessa carga/que a natureza impôs/e conservou/enquanto foi mais forte do que o homem./Não vais mais esticar as tuas fibras/rasgar teu sexo/deformar teus seios/teu ventre contrair/tal qual se fosses/uma casa a

habitar-se/- mera estufa,/uma porta a se abrir/- mera passagem,/uma ceia a se pôr/- mero sustento,/um programa a curtir/- mero recreio/como coisa só útil/- um troféu/um adorno/uma peça/um meio/ou fonte./E seremos iguais – seremos livres. (LYRA, 2002, p. 225)

Físico/social/mental/psíquico/- nada disso difere mulher/homem:/a única diferença está no sexo./Ela se deita/para receber-lhe./Ele a recobre/para penetrá-la./Ela se abre/e ele se concentra./Ele ejacula/e ela acolhe o jorro./A relação não é passivo/ativo/mas sim fornecimento/acolhimento./Está só nisso a fonte dos distúrbios/e a frustração provém do seu reverso:/ela também/queria/penetrá-lo,/ele também/queria/receber-lhe/e a natureza nos negou a troca. (LYRA, 2002, p. 227)

Os poemas transcritos constituem uma defesa em prol da igualdade de gênero, conquistada a partir do empoderamento feminino. O primeiro poema mostra que a mulher tem que pagar um preço muito caro para simplesmente poder fazer aquilo que o homem sempre fez gratuitamente. Isso porque ele nunca precisou violar regras e quebrar barreiras, como ela. Diante de tal realidade, o poeta pergunta: “de que foi que a mulher se libertou?”, afinal, a “libertação ‘tá incompleta”, uma vez que ainda existem prejuízos e retaliações diante da luta pelos direitos da mulher.

Na sequência, o segundo poema traz uma proclamação – não apenas uma esperança –, pois o poeta afirma que um dia a mulher estará livre da ‘carga que a natureza lhe impôs’ e haverá liberdade e igualdade de gênero. Ora, embora defenda a libertação feminina, ao falar sobre a carga que a natureza teria estabelecido para a mulher, o eu lírico continua adotando uma postura machista, como se o corpo feminino fosse o responsável pela desigualdade de gênero, e não a cultura que foi repassada de geração em geração, começando com o mito bíblico do pecado original, culpa da primeira mulher.

Por fim, a terceira citação trata-se do último poema das “Figurações”. Nele, percebemos uma condensação de tudo o que foi apresentado nos vinte poemas anteriores dessa seção do livro **Desafio**. O poema,

intitulado “Soneto de constatação – V”, traz, de fato, uma constatação do tema abordado nessa parte da obra: o empoderamento feminino e a igualdade de gênero. E, como conclusão, o poeta adota uma perspectiva feminista, ao afirmar que apenas o sexo difere o homem da mulher e que, portanto, somos iguais em todos os aspectos, com exceção do erotismo. Neste, mulher e homem desempenham papéis específicos e diferentes, mas a necessidade de completude é ainda maior e suplanta o que a natureza permite fazer: “a frustração provém do seu reverso:/ela também/queria/penetrá-lo,/ele também/queria/receber-lhe/e a natureza nos negou a troca”. Assim, verificamos que, na introdução e na conclusão das “Figurações”, a angústia da incompletude, da não realização, da descontinuidade do ser, conforme Bataille (2014), mantém-se presente, comprovando que, mesmo com toda a ânsia de libertação sexual feminina e a dualidade existente em torno dela nos poemas analisados, o ato erótico jamais trará plena satisfação e saciedade infinitas.

Considerações finais

O livro **Desafio: uma poética do amor** é composto de sete partes e, neste artigo, analisamos a seção intitulada “Figurações”, que, conforme o próprio nome sugere, apresenta representações da figura feminina. A mulher é figurada, então, sob três óticas: objeto sexual; detentora de poder sobre o homem; e luta pela igualdade de gênero. A partir da leitura e observação atentas de vários poemas, dentre os vinte e um que compõem essa parte do livro, constatamos que as “Figurações” revelam uma voz masculina que aborda a mulher como objeto sexual, reconhecendo, porém, o poder de sua sedução e o que ela é capaz de fazer com seu prestígio. Por fim, essa voz se compadece da situação feminina e adere à causa feminista, contribuindo com o empoderamento da mulher, apesar de manter os resíduos machistas em seu discurso.

Referências

ALBERONI, Francesco. **O erotismo**: fantasias e realidades do amor e da sedução. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Lisboa: Livros do Brasil, 1991.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. (Org.). **História da vida privada 2**: da Europa feudal à Renascença. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.

BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**. São Paulo: Braziliense, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1978.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. A Idade Média. v. 2. Porto: Afrontamento, 1990.

DUBY, Georges. **Eva e os padres**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **As damas do século XII**. Tradução de Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DURIGAN, Jesus Antônio. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução de Marcos Flamínio Peres. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LYRA, Pedro. **Desafio** – uma poética do amor. 3. ed. Fortaleza: Topbook/ Editora UFC, 2002.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 3ª ed. Contexto: 1997.

MORAES, Eliane Robert. (Org.) **Antologia da poesia erótica brasileira**. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.

PAES, José Paulo. (Org.) **Poesia erótica em tradução**. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.